

## Considerações sobre a etimologia da palavra “itabaiana”

Wanderlei Menezes<sup>1</sup>

A primeira menção do que futuramente será denominado Itabaiana foi registrada pelo cronista Gabriel Soares de Souza. Fidalgo e sertanista, Gabriel Soares, em suas andanças pelos inóspitos e perigosos sertões nordestinos em busca de minas, legou-nos a obra *Tratado descritivo do Brasil* de 1587. Nesse valioso testemunho do período colonial, mais especificamente no relato referente a Sergipe, há menção a uma serra localizada a doze léguas do litoral em formato oval. Era a Serra que hoje denominamos de Serra de Itabaiana. O relato do sertanista deixou uma pista curiosa sobre como os nativos denominavam a serra que futuramente dará o nome a localidade: “a êste monte chamam os índios *Manhana*, que quer dizer entre eles (os nativos) ‘espia’, por se ver de todas as partes de muito longe.” (SOUZA, 1971, p. 66). Por ser Gabriel Soares de Souza um homem que manteve fortes contatos com os silvícolas e não haver nenhuma outra descrição conhecida desse período pré-colonial sergipano acerca de Itabaiana, seu escrito torna-se de fundamental importância para o estudo da etimologia do termo Itabaiana.

Três anos depois do relato era efetuada a integração de Sergipe à colonização portuguesa (NUNES, 1989). Após sangrentos e cruéis conflitos, Cristovão de Barros e outros combatentes debelam a resistência dos caciques locais e fundam, em 1590, a cidade de São Cristóvão. Com o objetivo de ocupar a

---

<sup>1</sup> Graduado em História pela Universidade Federal de Sergipe. E-mail: wanderlei.menezes@yahoo.com.br

nova terra conquistada, os capitães-mores de Sergipe autorizavam a ocupação legal das terras sob jugo por meio de cartas de sesmarias. Esses testemunhos documentais dos primeiros anos de ocupação portuguesa em Sergipe são importantes registros da primitiva toponímia local. A anomia lingüística, ou anarquia ortográfica (ALVES, 2003/2005, p. 49), reflete bem a dificuldade dos primeiros colonizadores europeus das plagas itabaianenses em memorizar e padronizar as denominações toponímicas indígenas<sup>2</sup>. O que se vê nessas fontes históricas é a grande diversidade de grafias para designar um mesmo local.

Infelizmente, boa parte das mais antigas cartas de sesmarias de Itabaiana foi furtada. As cartas de Manoel da Fonseca (1599), dos padres da Companhia de Jesus (1601), Gaspar Fontes (1601), Francisco da Silveira (1601) e João Guergo (1601) se tornaram propriedade particular de algum pesquisador desde a década de 50 de século passado (FREIRE, 1891, p. 384).

A mais antiga referência manuscrita que temos conhecimento sobre a etimologia do termo Itabaiana é a carta de sesmaria de Pero Novais de Sampaio, escrita em 14 de fevereiro de 1602. O termo aparece grafado da seguinte forma:

---

<sup>2</sup> Esses *Códices* de Sesmarias, depositado em cópias digitais no Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, reproduzidos com incorreções no apêndice da *História de Sergipe* de Felisbelo Freire (1891), apresentam mais de 200 sesmarias, de 1594 a 1623. São, atualmente, um dos raros documentos para se estudar os primeiros anos de colonização portuguesa em Sergipe.

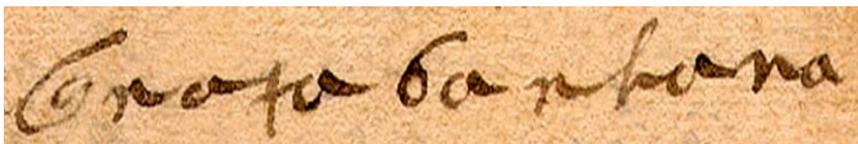


Figura 1: q' na/tabanhana (FREIRE, 1891. p. 384).

Já nas cartas de Sesmaria de Manoel Tomé d’Andrade, Francisco Borges e Gonçalo Francisco e na de Jorge Barreto, datadas do mesmo ano da anterior, aparece:



Figura 2: “tabaiana”

No ano seguinte, na carta de Sesmaria de Filipe da Costa e Melchior Velho, de 05 de outubro de 1603, aparece grafado assim: “**ao pe de tabanhama**” e em outro trecho aparece “**pe de oiteiro da tabanhana**”. Há clara troca do último “n” por “m”, por erro de leitura ou de impressão (FREIRE, 1891. p. 386-387).<sup>3</sup>

Temos na carta de Sesmaria de Cristóvão Dias, Simão Dias Francês e Agostinho da Costa de 27 de fevereiro de 1607, graves erros de leitura paleográficas feitos por Felisbelo Freire, a saber: Simão Dias Fontes, em lugar de Francês; tabanhananam foi tera, em lugar de tabanhanana asu fontrera. O escrivão duplica o “na” final da tabanhana, como logo adiante o faz com “estão”, donde se conclui ser lapso de escrita (FREIRE, 1891. p. 416), como se vê abaixo:

---

<sup>3</sup> O Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe não possui o original deste documento.

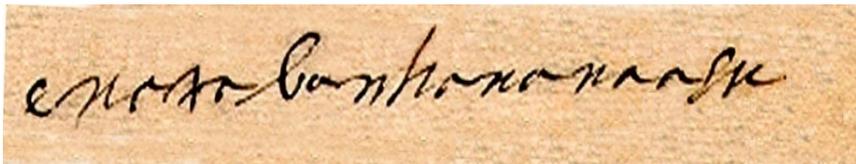


Figura 3: “e/na/tabanhana/asu – e na tabanhana-as[s]u – tabanhanaçu”

Pelas cartas de sesmarias de pedida por Sebastião da Silva e Antonio de Azevedo em 4 de agosto de 1610, aparece: “na **Itabaiana**”. Nesse mesmo ano na carta de sesmaria do Licenciado Diogo Pereira, sem a data, mas, provavelmente, do mesmo mês da anterior está escrito: “pelo Sertão dentro no lugar chamado **Tabanhanas**”<sup>4</sup>

Em Diogo Campos Moreno, *Livro que dá razão* do Estado do Brasil [1612], o vocábulo está escrito de forma apocopada em um dos mapas: Escrito: “as campinas de tabanha[na] de Infinito Gado”; No mapa: “as serras de tabanha[na]”.

No incidente de Belchior Dias Morea, Caramuru, parente de Gabriel Soares de Souza, com o Governador Geral D. Luiz de Souza, relacionado com as minas de prata de Itabaiana, o termo aparece no auto do escrivão Miguel Maciel sobre as diligências e prisão de Belchior, de 28 de agosto de 1619, da seguinte forma: “estava na serra da **tabanhana**”; “e limites da **Tabanhana**”; “**se mostraua na dita tabanhana**”). Na carta do Governador Geral ao Rei Felipe II, de 15 de setembro do mesmo ano, temos: “fui a serra de **tabanhana**”; “as pedras que

<sup>4</sup> PAN, Vol. XXVII, p. 36 e 37, respectivamente. Por não conseguirmos ter acesso a esses documentos (que talvez nem existam mais), optamos por confiar na transcrição presente na citada obra.

trouxerão forão como as da **tabanhana**”, conforme a ilustração abaixo:

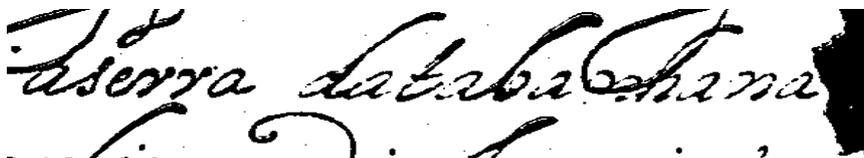


Figura 4: “a serra da tabanhana”

No mapa de Barleus, provavelmente de 1644, Itabaiana aparece sob os nomes de Itapuama-mirim em contraposição à outra **Itâpuáma** (vasta região com indicação de serras, currais e minas), ficando, nesse caso, subentendido o qualificativo grande ou açu. No texto traduzido do livro do cronista holandês, lê-se **Itoabouhanas**, ao referir a Belchior Dias e as minas de prata. Com relação ao “Mapa da Praefectura de Ciriji cum Itapuama”, o étimo é grafado da seguinte maneira:

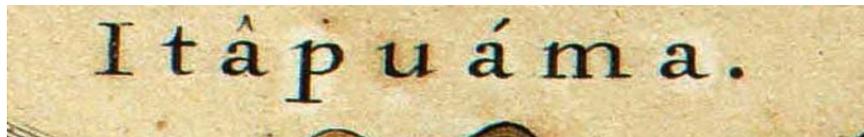


Figura 5: “Itâpuáma”

Contudo, nos documentos posteriores a 1664, o termo começa a se aproximar, de forma sensível, da forma atual. São exemplos disso a carta de sesmaria de Manuel da Rocha Pita, de 29 de dezembro de 1664<sup>5</sup>, o “Cõpromisso da irmandade das sanctas almas do fogo do pvrgatorio” (1665) e o “translado da escritura de venda que faz o Reverendo Padre Vigário Sebastião Pedroso de Goes de um sitio de terra cita na Itabaiana onde

<sup>5</sup> DOCUMENTOS HISTÓRICOS, Vol. XXII, p. 59.

chamão Catinga de Ayres da Rocha a Irmandade das Almas de Itabaiana de 1675”<sup>6</sup>. Neste ano anteriormente mencionado, há a elevação da igreja de Santo Antonio e Almas de Itabaiana à condição de sede da freguesia de Santo Antonio e Almas de Itabaiana, um importante acontecimento para o ulterior desenvolvimento de Itabaiana.

A partir do final do século XVII, o termo vai se aproximando de ITABAIANA, com menos variações. No traslado de uma escritura de venda de 1692, aparece grafado “Itabayanna”<sup>7</sup>. No acervo de inventários e partilhas de bens de 1725-1813 lê-se na maioria dos documentos “Itabayana”<sup>8</sup>. A consulta do Conselho Ultramarino para alcaide da recém criada Vila de Santo Antonio e Almas, que indicou a João da Costa Feyo, de 16 de junho de 1700, grafa-se o termo da seguinte forma:



Figura 6: Itabayana

Na *Notícia sobre a Freguesia de Santo Antonio e Almas da Villa da Itabayana pelo vigário Francisco da Silva Lobo em 1757*<sup>9</sup>, a

<sup>6</sup> LIVRO DE TOMBO DA MATRIZ DE SANTO ANTONIO E ALMAS DE ITABAIANA (1913-1939). f. 28v- 29.

<sup>7</sup> ARQUIVO PÚBLICO ESTADUAL DE SERGIPE. Coleções particulares. Fundo Sebrão, sobrinho. Vol. 12, doc. 1.

<sup>8</sup> MENEZES, Wanderlei de O. *Relação dos inventários de bens e testamentos da vila de Itabaiana: séculos XVIII e XIX*. 2007. (Inédito).

<sup>9</sup> LOBO, Francisco da Silva. *Informação sobre a freguesia de Santo Antonio e Almas de Itabaiana em 1757*. Inventário dos documentos relativos ao Brasil existentes no Arquivo da Marinha e Ultramar de Portugal, organizado por Eduardo de Castro e Almeida. *Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Oficinas gráficas da Biblioteca Nacional, Vol. XXXI, 1909, p.227.

palavras é grafada de forma idêntica a anterior, como se vê abaixo:



Figura 7: **Itabayana**

A respeito do significado da etimologia de termo, nos informa o vigário que escrito em tupi ou vulgata significa serra grande e em língua portuguesa significa pedra grande<sup>10</sup>.

Todavia, poucas décadas depois, no livro de notas da vila de Itabaiana, datado de 1777<sup>11</sup>, vê-se:



Figura 8: **Villa da Itabayanna**

Cabe registrar que no *Guia de Caminhantes* de Anastácio de Santa Anna<sup>12</sup>, mapa datado de 1817, ainda inexplorado pela historiografia sergipana, grafa-se Itabaiana da seguinte forma:

<sup>10</sup> Idem.

<sup>11</sup> ARQUIVO PÚBLICO ESTADUAL DE SERGIPE. Coleções particulares. Fundo Sebrão, sobrinho. Vol. 43, doc. 1.

<sup>12</sup> SANTA ANNA, Anastácio de. *Guia de Caminhantes de 1817*. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Cartografia CAM. 04, 003. Coleção Moreira da Fonseca. (Mapa).



Figura 9: “Tabayana Villa”

Percebe-se que o autor do mapa acima se equivocou tanto ao grafar o nome como na localização da vila de Itabaiana. A Memória da Capitania de Sergipe de Marcos Antonio de Souza, datada de 1808 e publicada apenas em 1878, mostra o lapso de Anastásio de Santa Anna. O antigo padre da Freguesia de José, Jesus e Maria do Pé do Banco (atual Siriri) grafou “Itabayanna”.<sup>13</sup> A partir da segunda metade do século XIX assentou a atual forma (Itabaiana) definitivamente.

Pelo visto, é de se presumir que o topônimo *Tabanhana* existia ao tempo da conquista do território sergipano, em 1590, sem o “i” inicial, como vem consignado em Barleus e na segunda metade do século XVII padronizou-se “Itabaiana” com variantes de “y” ou dois “n”. O século XVII é o divisor de águas na história de Itabaiana e de sua etimologia.

O amadurecimento da vida político-administrativa da vila de Santo Antonio e Almas de Itabaiana, a partir da segunda metade do século XVII, ao que tudo indica, deve ter influenciado as mudanças na forma de grafar o termo. Com a criação do Distrito de Santo Antonio (1668), da Freguesia de Santo Antonio e Almas de Itabaiana (1675) e, principalmente, com a elevação à condição de vila (1697), começou-se o processo

---

<sup>13</sup> SOUZA, Marcos Antonio de. **Memórias sobre a capitania de Serzipe**: sua fundação, população, productos e melhoramentos de que é capaz. Aracaju: Tipographia do Jornal do Commercio, 1878. p.31

de padronização, difusão e normatização do termo “Itabaiana”. Em 1700, Itabaiana já era uma das maiores povoações sergipanas com vida burocrática, escrivães, padres e outras autoridades letradas – situação bastante diferente da apresentada em pedido de sesmaria de 1602 que alegava ser Itabaiana “lugar onde hum homie so não pode ir por sua fazenda”<sup>14</sup>.

## FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### *Fontes arquivísticas*

ARQUIVO PÚBLICO ESTADUAL DE SERGIPE. Coleções particulares. Fundo Sebrão, sobrinho. Vol. 43, doc. 1;

ARQUIVO PÚBLICO ESTADUAL DE SERGIPE. Coleções particulares. Fundo Sebrão, sobrinho. Vol. 12, doc. 1;

Carta de Sesmaria de Manoel Tomé d’Andrade, Francisco Borges e Gonçalo Francisco, 1602. Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. CD 0024. Livro 2, [fol. f. 109v -111];

Carta de Sesmaria de Duarte Moniz Barreto, 1602. Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. CD 0024. Livro 2, [fol. 118-119];

Carta de Sesmaria de Jorge Barreto, 1602. Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. CD 0024. Livro 2, [fol. 119v-120];

Carta de Sesmaria de Pero Novais Sampaio, 1602. Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. CD 0024. Livro 2, [fol. 120v-121v];

---

<sup>14</sup> Carta de Sesmaria de Manoel Tomé d’Andrade, Francisco Borges e Gonçalo Francisco, 1602. Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. CD 0024. Livro 2, [fol.110].

Carta de Sesmaria de Cristóvão Dias, Simão Dias Francês e Agostinho da Costa, 1607 Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. CD 0024. Livro 6, [fol. 132];

CÔPROMISSO da Irmandade das Sanctas Almas do Fogo do Purgatorio cita na capella Ytabayana e feita na era de MDCLXV. Cópia xerográfica gentilmente cedida por José Augusto dos Santos;

Documentação manuscrita e avulsa da capitania de Sergipe. Projeto Resgate de Documentação Histórica Rio Branco. Caixa 01, doc. 01. Relato da busacas mineralógicas na serra de Itabaiana em 19 de setembro de 1619;

Documentação manuscrita e avulsa da capitania de Sergipe. Projeto Resgate de Documentação Histórica Rio Branco. Caixa 01, doc. 74. Consulta do conselho ultramarino referente a nomeação de pessoas para o posto de alcaide da vila de Santo Antonio e Almas de Itabaiana em 16 de junho de 1700;

LIVRO DE TOMBO DA MATRIZ DE SANTO ANTONIO E ALMAS DE ITABAIANA (1913-1939). f. 28v- 29;

SANTA ANNA, Anastásio de. Guia de Caminhantes de 1817. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Cartografia CAM. 04, 003. Coleção Moreira da Fonseca. (Mapa).

## REFERÊNCIAS

ALVES, Francisco José. Contribuição à Arqueologia de Sergipe Colonial. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe*, Aracaju, nº 34, 2003-2005, p. 39- 53.

BARLEUS, Gaspar. *Historia dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil e noutras partes sob o governo do*

*ilustríssimo João Maurício Conde de Nassau, etc.* 2 Ed. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1940.

FREIRE, Felisbelo. *História de Sergipe (1575-1855)*. Rio de Janeiro: Typ. Perseverança, 1891.

LOBO, Francisco da Silva. Informação sobre a freguesia de Santo Antonio e Almas de Itabaiana em 1757. Inventário dos documentos relativos ao Brasil existentes no Arquivo da Marinha e Ultramar de Portugal, organizado por Eduardo de Castro e Almeida. *Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Oficinas gráficas da Biblioteca Nacional, Vol. XXXI, 1909, p.227.

MENEZES, Wanderlei de O. *Relação dos inventários de bens e testamentos da vila de Itabaiana: séculos XVIII e XIX*. 2007. (Inédito).

MORENO, Diogo de Campos. *Livro Que Dá Razão do Estado do Brasil [1612]*. Rio de Janeiro: INL, 1968. ed. fac-similar.

NUNES, Maria Thetis. *Sergipe Colonial I*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989;

SOUZA, Gabriel Soares de. *Tratado descritivo do Brasil em 1587*. 4 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional; Editora da USP, 1971. p. 66;

SOUZA, Marcos Antonio de. *Memorias sobre a capitania de Serzipe: sua fundação, população, productos e melhoramentos de que é capaz*. Aracaju: Tipographia do Jornal do Commercio, 1878. p.31-37.